

Todo dia é dia de invadir área pública no Park Way

Ana Helena Paixão
Da equipe do **Correio**

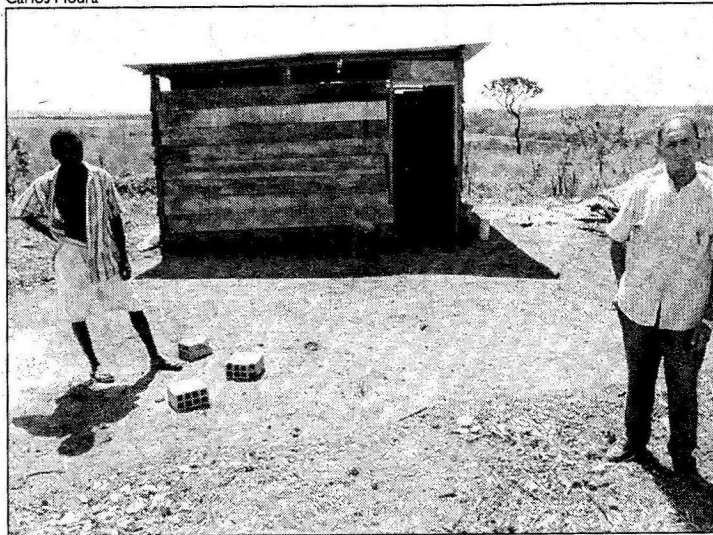
Carlos Moura

"Diga a quem perguntar que aqui não tem gente fraca, não". Foi a orientação do advogado identificado apenas como Roberto ao piauiense Edvan Nunes Rodrigues, 20 anos. Um homem mirrado que desde a última sexta-feira vigia um barraco de madeira — cercado por areia, brita e blocos de pré-moldado — fincado atrás da quadra 8 do Setor de Mansões do Park Way. A construção miserável marca o início de mais uma invasão de área pública no Distrito Federal.

"Não sei o nome completo do doutor Roberto. Mas ele disse para responder a quem viesse saber o que seria construído aqui e, se a área é invadida, que aqui não tem gente fraca, não", repete. "Não sei se fico aqui, não. Aqui não tem nada", comenta Edvan, que chegou a Brasília em julho do ano passado para morar com parentes no Riacho Fundo e assumiu o novo emprego há uma semana.

O "nada" não vai durar muito tempo. De acordo com vizinhos da área invadida, a intenção do advogado Roberto e do "proprietário" do terreno, Valdivino Barbosa Gomes, é lotear a área de 60 hectares da recém-extinta Fundação Zoobotânica e transformá-la em um novo condomínio a espera de regularização.

"A área já está toda *picateada* para a divisão dos lotes. A presença de material de construção deixa claro a intenção de construir. Com pré-moldado, vai ter um monte de casas aqui do dia para a noite", acusa o aposentado José Ferreira de Lima, 62 anos. Seu Zé é dono, há



Edvan vigia o barraco em área irregular: "Aqui não tem gente fraca"

22 anos, de uma chácara ao lado da área invadida. Assistiu de camarote à entrada dos novos "donos" da terra pública no último dia 25 de março, a construção do barraco de madeira e a chegada do material de construção. Não gostou nada do que viu.

"Isso é uma área de proteção ambiental. Não podem chegar e construir o que quiser. Aqui nem pode ter construção", protesta. Ele e a mulher, Maria Bezerra de Lima, tentaram proteger o local onde existe uma mata ciliar e nascentes que abastecem os córregos do Ipê e Vicente Pires. Contactaram a Administração Regional do Núcleo Bandeirante e as secretarias de Assuntos Fundiários e de Agricultura. A resposta foi de que o barraco seria derrubado imediatamente, mas até ontem ele estava no mesmo lugar.

PENDENGA

Pouco antes do meio-dia de ontem, fiscais da Administração do Núcleo Bandeirante vis-

toriam o local. No começo da tarde, o administrador Marco Túlio Santana Rios informou que o titular da área tem um contrato de arrendamento com a Fundação Zoobotânica até junho. "O contrato não dá direito de construir e é isso que tenho que impedir", comentou.

O contrato a que Marco Túlio se refere é a autorização de número 70, emitida em 8 de dezembro do ano passado. O documento dá direito a Valdivino Barbosa Gomes de ocupar a área por 180 dias com a finalidade de desenvolver ali atividades agrícolas. A autorização está assinada pelo ex-diretor do Departamento de Terras Rurais da Fundação Zoobotânica Antônio Carlos Cacá Augusto de Resende. O detalhe é que Cacá Resende foi exonerado do cargo em abril pelo governador Joaquim Roriz, sob a suspeita de ter apressado a emissão de documentos e favorecido parentes em processos de concessão de chácaras.

"Não é minha função questionar a validade da autoriza-

ção porque quem assinou foi afastado. Só tenho que impedir que eles construam no local sem autorização. É a única coisa que posso fazer", reforça o administrador Marco Túlio. De acordo com o secretário de Assuntos Fundiários, Odilon Aires, a autorização concedida a Valdivino Barbosa Gomes ainda tem valor legal. No entanto, ela não dá direito ao beneficiado de construir absolutamente nada. Trata-se apenas de um documento preliminar, emitido até que o governo faça uma série de estudos (inclusive de impacto ambiental) e finalmente autorize ou desaprove a exploração do terreno pleiteado.

"Até que a Secretaria de Assuntos Fundiários conceda a posse ou arrende o terreno definitivamente, o titular da autorização não pode explorar nem construir nada no local", afirma o secretário. Mesmo assim, ele diz que não há motivos para que o barraco já erguido seja derrubado. Sua orientação é de que a Administração Regional fiscalize a área para evitar novas edificações. "A Fundação Zoobotânica foi extinta na reforma administrativa do GDF e suas funções passaram para minha secretaria. Quando acabarmos de adequar nossas atividades, vamos acompanhar este caso de perto", garantiu Odilon Aires.

Durante toda a tarde de ontem, o **Correio** ligou para os telefones de contato de Valdivino Barbosa Gomes e do advogado Roberto, fornecidos pelo caseiro Edvan Nunes Rodrigues. Nenhum dos dois foi localizado para comentar a invasão da área pública na quadra 8 do Park Way.